

AS GÍRIAS DENTRO DO “X” – UMA ABORDAGEM SOBRE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DOS MENORES INFRATORES DO CENSE

THE SLANG WITHIN THE “X” – AN APPROACH ABOUT LANGUAGE AND COMMUNICATION OF THE JUVENILE OFFENDERS OF THE CENSE

Demerson de Oliveira¹
Rayan Kelly da Cruz²
Prof.^a Dr.^a Josiane Aparecida Franzó³

Resumo: Neste artigo propõe-se o estudo da linguagem de menores infratores, dando ênfase nas gírias e suas respectivas significações. A pesquisa foi realizada a partir de pesquisa de campo com oficinas ministradas nas dependências do Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa – CENSE, mais especificamente na Casa Fox, por meio de atividades, material multimídia e um breve questionário. Obteve-se como resultado uma relação de gírias e verbetes e seus respectivos significados, produzida pelos menores internos da Instituição. Os resultados obtidos diagnosticam uma linguagem carcerária muito característica quando retrata o cotidiano prisional através de gírias para designar espaços e situações próprios da Casa Fox. Identificamos, também, essa forma de linguagem como mecanismo de pertencimento a um grupo, além da perpetuação das gírias com o passar das décadas. A partir desse estudo possibilita-se um maior contato e entendimento do universo dos jovens infratores e por consequência o universo prisional.

Palavras-chave: Internos. Linguagem. Gírias. CENSE.

Abstract: This article proposes the study of juvenile offenders, giving emphasis on slang terms and their meanings. The survey was conducted from field research with workshops held on the premises of the Socioeducation Regional Centre of Ponta Grossa-CENSE, more specifically in the House Fox, through activities, multimedia

¹Graduando em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). demersonoliveira@live.com.

² Graduanda em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). rayankelly@hotmail.com.

³ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

materials and a brief questionnaire. It was obtained as a result of slang and words and their meanings, produced by internal Institution smaller. The results obtained diagnose a prison very characteristic language when the prison daily through slang to denote spaces and situations specific to House Fox. We identify, also, this form of language as a mechanism of belonging to a group, in addition to the perpetuation of the slang over the decades. From this study allows a greater contact and understanding of the universe of young offenders and therefore the universe.

Keywords: Interns. Language. Slang. CENSE.

Sumário: 1. Introdução - 2. Desenvolvimento - 3. Gírias: Uma abordagem desde os tempos da Jovem Guarda até às Redes Sociais - 4. Gírias através das décadas - 5. Produção do dicionário - 6. Resultado das aulas - 7. Considerações finais - 8. Referências.

1 INTRODUÇÃO

Com base nas oficinas ministradas nas dependências do Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa –CENSE, realizou-se um estudo sobre variação linguística, especificamente sobre gírias, na linguagem dos adolescentes internos da Casa Fox. As oficinas tiveram como material de apoio textos que abordavam definições de variações linguísticas, bem como o histórico de gírias, desde a década de 50 até a atualidade. Assim, com foco na linguagem que os internos fazem uso no cotidiano do CENSE– linguagem essa permeada em sua maioria por gírias, este trabalho traz uma coletânea dessas gírias apontadas e registradas pelos alunos participantes das oficinas.

2 DESENVOLVIMENTO

O Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa - CENSE é uma Instituição na qual menores infratores são encaminhados para cumprir pena

socioeducativa, bem como para serem preparados para a ressocialização. Essas medidas pedagógico-educativas visam inibir a reincidência dos adolescentes em ações consideradas inadequadas ao convívio social. A aplicação das medidas leva em consideração as circunstâncias e a gravidade da infração praticada. Ou seja, é para essa Instituição que são encaminhados os menores entre 12 e 18 anos que cometeram ato infracional.

Durante o período de reclusão, os jovens internos têm várias atividades, tanto de lazer como prática de alguns esportes, quanto educativas, assim como aulas regulares conforme a necessidade de cada um, e projetos como o *Livre para Ler*. Esse projeto inovador está sendo desenvolvido pela Faculdade SECAL (Sociedade Educativa Amélia Ltda.) em uma parceria com o Centro Judiciário de Solução de Conflitos (Cejusc) e que partiu da iniciativa da juíza Laryssa Angélica Copack Muniz, do Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR).

A elaboração das oficinas é ampla e tem foco no Ensino Fundamental e Médio, sendo que alguns alunos apresentam baixo grau de escolaridade. O tempo disponível para as aulas é de duas horas durante o período da tarde, toda quarta-feira, onde os acadêmicos do Curso de Letras, orientados pela Professora Doutora Josiane Franzó, desde outubro de 2015 aplicam as oficinas. Os jovens que participam dessas oficinas pertencem à chamada Casa Fox, casa essa ocupada por internos que já estão no final do cumprimento da sua pena e que possuem bom comportamento. O referido projeto tem como um dos objetivos, despertar nos internos o gosto pela leitura por meio de discussão de letras de músicas e textos em Língua Portuguesa e Inglesa. Os acadêmicos preparam as oficinas, elaboram materiais de apoio como elementos multimídias, tais como áudios musicais, vídeos e imagens para contextualizar o conteúdo, e planejam as estratégias para a interpretação de textos literários e resolução de questões da área de Línguas Portuguesa e Inglesa.

No princípio do projeto, que teve seu início em outubro do ano de 2015, foi percebido que havia uma resistência por parte dos jovens com relação ao conteúdo das oficinas e com os voluntários da SECAL, além disso, havia, também, um receio por parte dos internos quando o assunto era a exposição da história de suas vidas. Contudo, essas barreiras foram quebradas com atividades dinâmicas, bom humor dos voluntários e atividades inerentes à realidade social dos jovens internos.

Importante frisar que, as aulas sempre são elaboradas de forma que o conteúdo fique leve e fácil de ser assimilado de acordo com as limitações, ou não, dos alunos para melhor aproveitamento das oficinas.

É possível observar que, mesmo com o pouco tempo desse Projeto, já se obteve resultados positivos nos encontros como, por exemplo, a solicitação de livros e gibis para leitura no tempo livre, pedidos de aulas direcionadas a alguns assuntos como a série de livros de *Harry Potter*, produção de poesias, composição de letra de música, entre outros.

Alguns internos, por mais de uma vez, ressaltaram a importância das oficinas dentro da Instituição e mostraram significativo interesse em obter novos conhecimentos. Por outro lado, vale ressaltar que, não é somente da parte dos jovens internos que se observa um certo crescimento, mas, também, verifica-se uma evolução da docência que os acadêmicos adquirem em cada oficina ministrada, seja na elaboração dos planos de aula, na produção das atividades que devem sempre estar adaptadas a todos os jovens da Casa Fox, no cuidado com as escolhas e apresentações de slides, na didática e abordagem em geral.

Baseando-se na linguagem utilizada pelos internos, mais especificamente o uso de gírias como uma maneira menos informal da língua, houve um interesse da parte de um grupo de acadêmicos em elaborar uma oficina que tratasse desse assunto, por meio de influências da música como rap, rock e pop; filmes; videogames; vídeo de desenhos animados e imagens.

Fernando Tarallo⁴ afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Com base na fala de Tarallo, as oficinas voltadas para a compilação das gírias dos internos tiveram como intenção evidenciar essas palavras tão presentes no cotidiano dos adolescentes.

3 GÍRIAS: UMA ABORDAGEM DESDE OS TEMPOS DA JOVEM GUARDA ATÉ ÀS REDES SOCIAIS

⁴ TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

No primeiro dia do mês de junho de 2016 realizou-se a primeira oficina de gírias. De princípio foi apresentada uma seleção de slides que apontavam desenvolvimento de estilos de músicas e roupas desde a década de 50 até os dias atuais. Em cada slide de determinada década continha algumas imagens contextualizando o estilo de roupa que era “moda” no decorrer daquela década, assim como uma música nacional e uma em língua estrangeira que fizera sucesso na época. Logo após a exposição de cada slide, abria-se uma pequena discussão sobre o que mais havia de interessante: o que foi ressaltado na década, se tinham alguma lembrança das coisas que seus avós falavam ou se reconheceram algo parecido em algum filme ou na TV mesmo.

Conforme a oficina foi avançando, os internos foram se familiarizando com as imagens que eram apresentadas, principalmente da década de 80 até os dias atuais. Dessa época notou-se grande interesse na parte de jogos eletrônicos pelos alunos.

A primeira parte da oficina foi concluída com a proposta de que ao final dela seria produzido um dicionário com a linguagem utilizada por eles. Em outras palavras, as gírias que eles utilizam no decorrer do seu dia a dia, seja na Instituição, seja na sua vida fora do CENSE, com amigos, família ou até mesmo no ambiente escolar.

Para finalizar esse primeiro contato com as gírias e décadas anteriores, foi mostrado um vídeo sobre os *Power Rangers* produzido pelo *youtuber* Felipe Castanhari do Canal Nostalgia do *YouTube*. Esse vídeo mostra, tanto a história dos *Power Rangers* que era sensação na época - o que aconteceu com cada ator após a série, o que fazem nos dias de hoje, quanto a linguagem mostrada na plataforma online (internet), sendo não somente as abreviações na escrita, mas os bordões utilizados na atualidade, falando sobre um assunto do passado.

4 GÍRIAS ATRAVÉS DAS DÉCADAS

Dando continuidade à oficina da semana anterior, foi apresentada aos internos uma seleção de slides com as principais gírias de cada década. E, à medida que os acadêmicos iam explicando os significados de cada gíria disposta no slide, os internos foram entendendo cada uma e relacionando com o que eles usam ou já

conheciam. Nessa troca de ideia entre gerações e, a retomada de gírias de décadas anteriores, foi observada principalmente a evolução de algumas gírias para o mesmo objeto ou mesma colocação, ou seja, conforme o tempo, foi se adaptando. Exemplificando, expressões como “*Papo Firme*” - utilizada na década de 60, e “*Bola⁵ umas ideias*”, utilizada atualmente, têm o mesmo significado de “*Conversa séria*”. Viu-se, também, que em alguns casos houve uma troca da palavra conforme o linguajar da década como, por exemplo, “*Pão*” da década de 60 para a expressão “*Crush*” utilizado na atualidade para dizer que alguém é bonito.

Em discussão entre os voluntários presentes e os internos foram analisadas verbalmente as gírias, fazendo apontamentos e considerações sobre quais são usadas hoje e a influência que as anteriores tiveram nessas.

Para finalizar, foi entregue uma atividade aos internos sobre variação linguística, especificamente sobre o que as gírias ou maneiras de falar queriam dizer, mas que em certos contextos, mudavam de sentido. Logo em seguida foram disponibilizadas algumas letras de músicas para que analisassem e identificassem as gírias presentes nelas.

5 PRODUÇÃO DO DICIONÁRIO

Nesse último dia da oficina foi aberto um diálogo retomando todos os conteúdos dos dias anteriores. Após, foi distribuído o material para ser utilizado como suporte para a produção do dicionário de gírias de conhecimento deles. Conforme os internos foram conversando entre si, foram escrevendo e descrevendo as gírias que usavam quando estavam com seus amigos não internos, e as que utilizavam diariamente entre eles, no CENSE. Foi possível notar, de início, certo constrangimento quando perguntado sobre o significado de algumas delas, visto que as mesmas se referiam às drogas, crimes, violência, entre outros assuntos dos quais os internos demonstraram timidez em comentar.

6 RESULTADO DAS AULAS

⁵ Foi respeitado o registro dos internos.

A proposta inicial, que consistia em identificar gírias utilizadas regularmente entre os internos, a fim de estabelecer uma proximidade com os mesmos, através de diálogos e atividades dinâmicas, obteve resultados positivos no decorrer das três oficinas. Utilizando de exemplos a partir de auxílio de material multimídia, foi exposto um breve histórico da cultura jovem no decorrer das décadas, e houve a abordagem, também, do vocabulário informal utilizado em cada período. Compreende-se que essa exposição da passagem do tempo reflete o desenvolvimento da língua, como apontam Jack Chambers e Peter Trudgill⁶:

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos.

Em se tratando, especificamente, do trabalho desenvolvido no CENSE, é possível verificar o significado, na prática, da variação linguística que é própria de determinada comunidade, que, no caso aqui, é a que compõe o ambiente recluso dos internos – ainda que alguns já tenham traduzido da sua vida fora da Instituição, conhecimento de várias gírias que foram registradas nas oficinas.

A partir das oficinas, observou-se que, a variação linguística, além de ser um processo natural da língua, é um fator social, marcando a identidade e característica de determinados grupos. Desse modo, considera-se que, o uso de gírias no CENSE funciona como um mecanismo de expressividade, e que elas – as gírias, assumem um papel de distinção e pertencimento, quando isola, ou reconhece um indivíduo de acordo com o conhecimento que ele tenha da linguagem utilizada naquele momento.

Essa variação, nem sempre é aceita, acabando por originar o preconceito social e o linguístico. Sobre isso Marcos Bagno⁷, irá dizer que:

Os delinquentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico “quem faz a língua é o povo” verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso

⁶CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

⁷ BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 31.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

vocabulário. Basta esse parágrafo para demonstrar que, além do preconceito linguístico, está aí manifestado um profundo preconceito social.

Entende-se que o espaço de reclusão em que menores se encontram é uma oportunidade para eles se relacionarem e aprenderem, construindo, muitas vezes, uma nova identidade a partir da influência desse convívio. Nessa perspectiva, percebeu-se, que no decorrer das oficinas os internos se utilizavam de gírias para explicar suas próprias gírias, em um total processo de metalinguagem. E que, quando expostos a um assunto inerente ao cotidiano, os jovens demonstraram interesse maior, por ser algo presente em quase todas as suas ações, por vezes com a intenção de dificultar o entendimento do que é dito por eles, porque, nas palavras de Dino Preti⁸:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação.

Contando com o auxílio dosicineiros, um vocabulário de gírias foi montado, resultando em uma série de palavras, e seus respectivos significados. Alguns internos colaboraram mais que os outros, o que fez com que surgisse um maior conhecimento ou interesse sobre o assunto. Nesse momento de produção, surgiram, também, gírias relacionadas com comunicação em redes sociais, com uma breve discussão sobre internet, o uso da língua, e o que eles escreveriam quando terminassem de cumprir suas penas. Um interno chamou a atenção dos voluntários que estavam na oficina e demais jovens, ao dizer que quando saísse do CENSE, postaria em uma determinada rede social a frase “Podem prender meu corpo, mas não podem prender a minha alma”.

Observou-se, ainda, que o surgimento de gírias comuns no cotidiano do CENSE, são algumas palavras que designam locais em que os internos costumam ficar, algumas que se referem à alimentação, entre outros.

⁸ PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001.

A seguir, apresenta-se a relação de gírias recolhidas a partir das oficinas descritas nas páginas anteriores. Trata-se de uma listagem de palavras, que no convívio social dos jovens internos do CENSE, nomeiam inúmeros objetos, além de termos que compõem a comunicação entre eles, como já dito anteriormente. Contabilizou-se 217 gírias, classificadas e que estão aqui elencadas em ordem alfabética. Seguem, também, os significados fornecidos pelos internos para cada gíria.

Interno - Erick:

Gíria	Significado
Atitude	ta na adrenalina
Barco	carro
Biqueira	ponto de drogas
Borde	esqueite
Cantoneira	quem fica escutando conversa dos outros
Cep	numero de celular
Dizandado	usuário de droga
Farofio	feito errado o que era pra se certo
Joia ou mina	mulher
Legalize	dechar fumar maconha
Magrela	bicicleta
Meu pia	concederação
Nem vemdo	que não liga oque vai acontecer
Pitar	fumar
Pivete	criança
Pó	cocaína
Pocoto	cavalo
Quebrada	vila ou bairro
Thanga	moto
To na tiva	to no crime
Vasilão	peessoa que erra sempre
Vugo	apelido

Interno - Eduardo:

Gíria	Significado
Adágá	faca
Apagar	matar

Barato e loko	alguma coisa doida
Blindada	marmitex
Cachanga	casa
Cacha um	enrolar um baseado ⁹
Calibre	arma
Careta	alguem que não sua nada
Chove	chorar
Cristalina	agua
Doidão	alguem
Faze uns rabisco	pixar
Função	fazer algo
Ganso	informante da policia
Ir em cana	ir preso
Jumbo	comida
Marrocas	pão
Moca	café
Mocó	esconderijo
Papagaio	radio, som
Papel	LSD
Quadrada	pistola
Radinho	celular

Interno - André L.:

Gíria	Significado
Areia	mentira
Cabuloso	feio
Falo	thau
Farofa	pilantra
Ganso	x9
Marosquis	pão
Mocó	éconderijo
Pano	roupa
Pode se	sim
Porva	sucó
Salve	oi
Talarico	pilantra
Tirisa	coisa feia

⁹ As gírias e seus significados foram registradas de acordo com a escrita dos jovens.

Tódeboa	tósusegado
Verdade	sim
Zigue	maconha

Interno - James:

Gíria	Significado
Bandeira	toalha
Barca	carro
Bocuda	porta
Brita	crack
Carroça	quem vai no embalo dos outros
Chinelão	empanado
Conste	chegue aqui
Farofa	coisa paia
Luna	óculos
Molho o corre	deu errado
Nóia	quem fuma muita pedra
Orelha de macaco	hamburguer
Parça	amigo
Peita	camiseta
Pisante	calçados
Rasta manta	mendigo
Pode crê	entendi
Salve	e ai
Sem mamoda	sem meio na missão
Talarico	quem dá em cima da mina dos manos
Verdade	concordância

Interno - Ravilin:

Gíria	Significado
Baia/goma	casa
Bang	alguma coisa
Bola umas ideia	conversar
Bombeta	bone
Corneta	alguem que fala alto
Fuga	fugir
Fuja loko	sai fora
Gamo na mina	se apaixonou

Irmãozinho	um amigo
Mancada	errar
Mator	moto
Moio o corre	deu errado
Mundungo	quem não gosta de tomar banho
Progresso	uma coisa boa
Tiriça	alguma coisa feia
Ventana	janela
Zoiuda	televisão

Internos - Fábio; Rodrigo Henrique; Everton; Wanderson:

Gíria	Significado
Bate	fazer tatuagem
Bikera	torneira
Blindada	marmite
Bombojako	blusa
Boy	banheiro
Boy relado	carneiro
But	tenis
Cabuloso	estranho
Cagueta	linguado
Carroça	vai de embalo
Corante	leite
Cpá	talvez
Dentaria	escova de dente
Descança	dormir
Ducha	banho
Espiritike	desodorante
Espumante	sabão
Exprosva	linguiça
Fofó	fácil
Fut	jogar bola
Galeto	carne
Ganba	meia
Gancha	calça
G2	barbeador
Jik	estrupeador
Lambreta	chinelo

Latro	colchão
Magali	melancia
Manguela	mortandela
Marrocos	pão
Mocca	café
Morcega	calsinha
Mosca	não presta atenção
Motor	carro
Mula	tira pira
Noia	viciado em química
Papagaio	radio
Parasita	não faz nada
Parceiro	amigo
Pc	pulseira
Ph	papel higienico
Pontera	lapis
Porva	suco
Pufe	travesseiro
Quebra um litro	faze xixi
Ramera	camisa
Raposa	não gosta de ducha
Rato	robar os amigo
Reflexo	espelho
RM	remedio
Sagrada	biblia
Sem mancada	verdade
Senik	sanitario
Sistemá	caga
Thanga	moto
Tintera	caneta
Tiriça	feio
Venenosa	maça
ventana	janela
Zoiudo	ovo

João Vitor; André L.:

Gíria	Significado
Bruxo	drogado

Caneco	copo
Careto	cigarro
Curuja	cueca
Espelho	testemunha
Estampa	camisa, camiseta
Estocada	facada
Faire	esqueiro
Fora de brisa	sem brincadeira
Gole	bebidaalcoolica
Jega	cama
Lambreta	chinelo
Monstro	cara que se acha
Nem se pá	sim, verdade
Parasita	um cara que não faz nada
Passar uma visão	dar uma olhada
Pe	pulseira
Ponteiro	lapis, caneta
Porva	suco
Sadia	salcicha
Salve loco	salveparcero
Se pá	talves
Tela	televisão
Tinhão	uma pessoa sem higiene
Tirisa	uma coisa ruim, feia, que não presta
Zoildo	ovo

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado do presente estudo consistiu no reconhecimento de uma linguagem própria de uma determinada parcela da sociedade que está à margem. Também, apresenta um dicionário de gírias utilizadas no cotidiano do CENSE, a fim de identificar a linguagem desse grupo de falantes. Sendo assim, observou-se que essa variação da língua, sendo comumente utilizada por determinados grupos menos favorecidos, ocasiona o preconceito linguístico. Ou seja, quando se encontra uma língua que tem como finalidade aproximar o sujeito, acaba por excluir.

A partir da conclusão deste estudo, nota-se que muitas dessas gírias e expressões estão presentes no vocabulário da sociedade em geral, uma vez que se depara rotineiramente com expressões como “nóia” para designar um usuário de drogas, “beck” e “pó” para designar drogas, e “parça”, para designar parceiro, mas no sentido de amigo. Assim, pode-se afirmar que parte de tal vocabulário possui uma pluralidade que permeia os vários níveis da fala. Salvo quando é aquele que relata o dia a dia do sistema prisional, ou seja, aquelas gírias de uso específico dos internos. Mas, até mesmo nesse caso, as gírias transcendem os muros do CENSE.

Nota-se, também, a perpetuação de determinadas gírias no decorrer das décadas, como, por exemplo, “mina”, falada até os dias atuais, para nomear moça ou mulher; “quebrada” intitulando advérbio de lugar; e “magrela” para se referir à bicicleta, e que sendo utilizadas recorrentemente na década de 80, hoje de igual modo possuem o mesmo significado.

Portanto, a partir deste estudo observou-se que as oficinas ministradas na Instituição CENSE são potencialmente fontes de pesquisa, pois o ambiente revela aspectos pouco explorados de forma científica. Após a finalização desta pesquisa, observou-se o dinamismo das gírias, bem como a resistência de algumas com o passar do tempo, mesmo com a forte influência de uma era digital, que contam com palavras derivadas da internet. Além disso, a afirmativa de que a forma de expressão desses jovens leva ao preconceito linguístico se faz verdadeira, quando erroneamente afirmamos que é uma linguagem de uso restrito de uma minoria, pois, encontrou-se muito do que foi coletado na Casa Fox, sendo usado na sociedade em geral.

8 REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 31.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). ***Dialectology***. Cambridge: Cambridge University Press.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.